

# Economia.

Anatel divulga  
edital com cotas  
para negros  
Pág. 30

EDITORA:  
ELAINE SILVA  
ecferreira@redgazeta.com.br  
Tel.: 3321.8327  
agazeta.com.br/dinheiro

gazetadineiro

PLANO REAL 20 ANOS

# INFLAÇÃO BRASILEIRA OS LADOS DA MOEDA QUE AMANSOU O DRAGÃO

## Alta no preço preocupa, mas a supercarestia ficou para trás

MIKAELLA CAMPOS  
mikaella.campos@redgazeta.com.br

Quando há 20 anos o Plano Real entrou em vigor, com uma nota de R\$ 1 era possível comprar um quilo de frango, 10 pãezinhos ou quase dois litros de leite. Hoje, a mesma quantidade representa menos de um quarto do valor desses produtos. Essa desvalorização da moeda, com a inflação batendo atualmente no teto da meta do Banco Central, traz motivos de preocupação. Mas nada se compara aos índices do passado. Se naquela época, em um mês, os preços variavam em mais de 70%, hoje as correções ficam na média de 0,6% mensal.

O real conseguiu tirar o inchaço dos preços que tanto assombrou o brasileiro na década de 80 e no início dos anos 90. Mesmo que os produtos tenham ficado mais caros nos últimos anos, o fantasma da instabilidade, segundo especialistas, não deve voltar.

Desde 1º de julho de 1994, dia em que o real entrou em vigor, até hoje, o custo da cesta básica para as famílias do Espírito Santo aumentou em 465%. Alguns alimentos chegaram a ter quase 1.000% de alta, como é o caso do tomate, nesse período. O pão francês deixou de custar 8 centavos para ser vendido a 60 centavos cada um.

Para o consumidor comum, o “dragão”, como era apelidado o período de desequilíbrio nos preços, pa-



O aposentado Ronald Patta compara valores de financiamento na transição

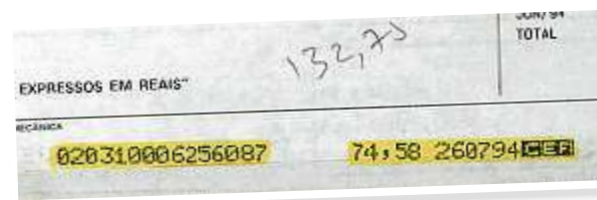
rece ter ressuscitado. Contudo, é importante lembrar que no tempo da hiperinflação o índice anual era de quase 3.000%, bem diferente do de hoje, que fica em média em 6% ao ano.

O professor da Fucape e doutor em Economia Bruno Funchal explica que hoje o Brasil vive um período de “inflação de demanda”. Com mais dinheiro em circulação, as pessoas compram mais, e a consequência é a elevação nos preços dos produtos e serviços.

No passado, antes do Plano Real, o motivo que levava a moeda a se desvalorizar era a emissão de dinheiro sem controle. “A forma em que o governo tinha para financiar seu orçamento era imprimindo dinheiro. O



Acima, a prestação de Cr\$ 159 mil do imóvel em junho de 1994. Abaixo, a parcela de R\$ 74 no mês seguinte



problema é que não aumentava o consumo. Então, se o governo dobrasse a emissão de recursos, os preços aumentavam na mesma proporção”, avalia Funchal.

Esse comportamento trouxe como resultado tro-

cas constantes de moedas. Para piorar a situação, todos os contratos tinham correção monetária, criando um ciclo vicioso de revisão de preços. “Tudo ficava mais caro por causa dos contratos. Com essa

### O PLANO É ESTE

#### Antes do real

Por causa da alta inflação, o brasileiro não conseguia mensurar o valor das coisas. Para saber quanto algo realmente custava, muitos serviços e produtos eram cotados em dólar.

#### Plano Real

Fez com que a sociedade parasse de forçar a elevação dos preços. A correção de contratos foi paralisada para dar credibilidade à moeda. Entrou em vigor em 1º de julho de 1994 trazendo estabilidade e

reduzindo o impacto da inflação.

#### Planejamento

Começou a ser arquitetado em 1993, no governo de Itamar Franco. Uma equipe econômica era liderada pelo então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. A primeira ação foi o ajuste das contas públicas. O segundo passo foi a criação da Unidade Real de Valor (URV), que faria toda a transição para a nova moeda. O índice, que entrou em vigor em 1º de março de 1994, era vinculado ao dólar.

inflação ninguém sabia lidar”, afirma Funchal.

Esse período de turbulência e a migração para o novo sistema está na memória do aposentado Ronald Patta. “O Plano Real foi uma beleza. Não precisávamos mais nos perder nas contas imensas. Antes do real, a gente ia ao supermercado comprar um produto que custa Cr\$ 10 mil, mas com a nova moeda passou a custar R\$ 5. Parecia maravilhoso. Parecia que tudo estava mais barato. Mas nem todo mundo estava preparado para isso. Eu controlei minhas finanças com muito rigor. E essa falsa sensação de preço baixo levou muita gente a gastar demais. Em 1994, no prédio onde comprei um apartamento, em uma se-

mana, foram vendidas todas as unidades. Em dois anos, metade não conseguia pagar. Mas, no geral, o resultado foi bom para o país”.

Antes do real, por causa da alta inflação, o brasileiro não conseguia mensurar o valor das coisas. Para saber quanto algo realmente custava muitos serviços e produtos eram cotados em dólar. O Plano Real fez com que a sociedade parasse de forçar a elevação dos preços.

“A inflação inercial acabou para que viesse um período de preços mais estáveis. Por cinco anos, o real ficou vinculado ao dólar. A medida foi adotada para manter a moeda forte e com credibilidade”, destaca Funchal.

PLANO REAL 20 ANOS

# Da âncora cambial à meta

**Para proteger reserva, governo teve de mudar estratégia e perseguir margens ideais do IPCA**

➤ No dia em que o real começou a ser a moeda brasileira, parte do comércio ficou assustado. Muitos produtos tiveram preços reajustados. Procons do país chegaram a registrar altas de quase 70% de um dia para o outro.

Em alguns dias, a situa-

ção se acalmou. A paridade com o dólar manteve por cinco anos a inflação baixa. O sistema usado para segurar os preços era chamado de âncora cambial. Muita gente começou a viajar e a gastar mais no exterior. Isso abalou as reservas do país.

Em 1999, foi necessária uma mudança na política econômica. O governo passou a adotar o modelo de metas para que a inflação ficasse entre 2,5% e 6,5%

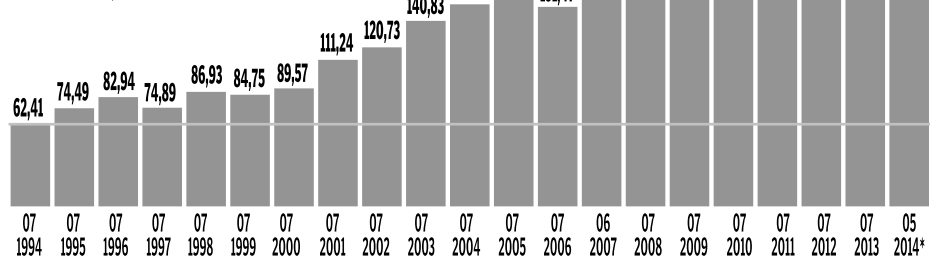
ano. “A inflação de hoje, se comparada com um passado recente, está pior. Mas não é nada absurdo. Ela pode ser controlada com a elevação da taxa de juros”, acrescenta o professor de Economia Bruno Funchal.

Ontem, o Banco Central elevou a previsão de inflação deste ano de 6,1% para 6,4%. Até maio, o IPCA alcançou metade da meta. “Ao meu ver, essa inflação é preocupante porque o poder aquisitivo da classe média

não está crescendo. O problema é que muitos serviços, como plano de saúde, internet, TV a cabo, estão, inclusive, aumentando mais que a inflação”, explica o professor de Economia da Doctum, Paulo Cezar Ribeiro.

**TOTAL DA CESTA**

06/1994 = 157.561,80



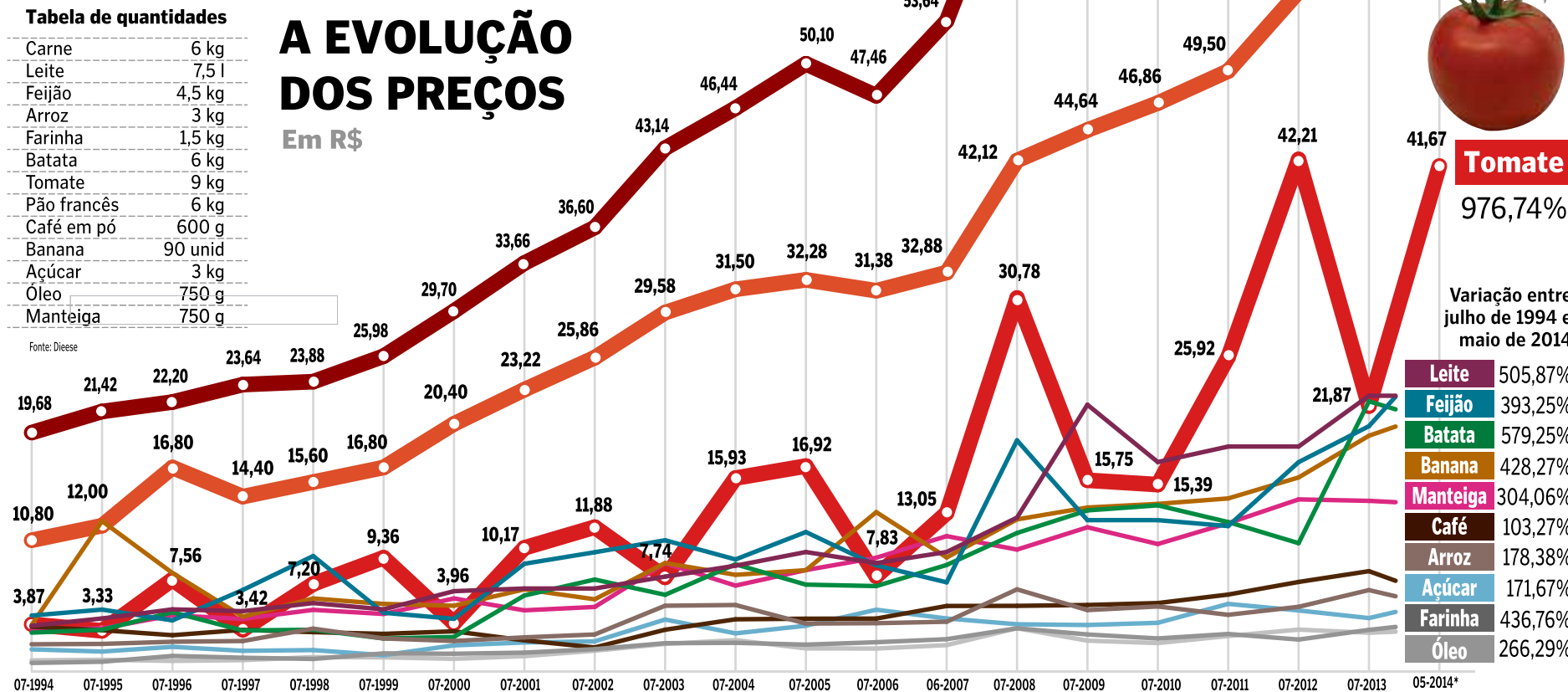
**Varição entre julho de 1994 e maio de 2014**  
465,23%

**Tabela de quantidades**

Carne	6 kg
Leite	7,5 l
Feijão	4,5 kg
Arroz	3 kg
Farinha	1,5 kg
Batata	6 kg
Tomate	9 kg
Pão francês	6 kg
Café em pó	600 g
Banana	90 unid
Açúcar	3 kg
Óleo	750 g
Manteiga	750 g

## A EVOLUÇÃO DOS PREÇOS

Em R\$



**Carne**  
472,26%  
Variação entre julho de 1994 e maio de 2014

**Pão**  
566,11%

**Tomate**  
976,74%  
Variação entre julho de 1994 e maio de 2014

- Leite 505,87%
- Feijão 393,25%
- Batata 579,25%
- Banana 428,27%
- Manteiga 304,06%
- Café 103,27%
- Arroz 178,38%
- Açúcar 171,67%
- Farinha 436,76%
- Óleo 266,29%

